



IX Simpósio Nacional de História Cultural  
**Culturas – Artes – Políticas: Utopias e distopias do mundo contemporâneo**  
**1968 – 50 ANOS DEPOIS**  
Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT  
Cuiabá – MT  
26 a 30 de Novembro de 2018

**O PAPEL SOCIAL DA MULHER POR MEIO DAS BIOGRAFIAS DE  
CHIQUINHA GONZAGA**

Mona Mares Lopes da Costa<sup>1</sup>

**CONSIDERAÇÕES INICIAIS**

Este trabalho tem como tema principal a vida de uma mulher, Francisca Edwiges Neves Gonzaga (1847-1935), popularmente conhecida como Chiquinha Gonzaga, que nasceu e morreu na cidade do Rio de Janeiro. Foi uma pessoa que ousou e transgrediu em seu contexto histórico com atitudes, condutas e ações que, até então, não eram permitidas as mulheres – e porque não dizer que algumas não são permitidas até a atualidade. Viveu no marco temporal do final do século XIX e nas primeiras décadas do século XX demonstrando pelo viés musical seus desejos, paixões, conflitos e indignações. Escolhemos como fio condutor analítico da pesquisa suas biografias<sup>2</sup>, pois entendemos que a partir delas podemos destacar alguns elementos que irão nos auxiliar na reflexão de

---

<sup>1</sup> Graduada em História pela Universidade Federal do Mato Grosso do Sul/CPCX. Mestranda em História pela Universidade Federal da Grande Dourados/PPGH. Bolsista CAPES.

<sup>2</sup> São elas: *Chiquinha Gonzaga*: grande compositora popular brasileira, de Mariza Lira (1939); *A pioneira Chiquinha Gonzaga*, de Geysa Bôscoli (1973); *Chiquinha Gonzaga: uma história de vida*, de Edinha Diniz (1984); *Chiquinha Gonzaga: sofri e chorei, tive muito amor*, de Dalva Lazaroni (1999). *A memória social de Chiquinha Gonzaga*, de Cleusa de Souza Millan (2000) e *A Jovem Chiquinha Gonzaga*, de Ayrton Mugnaini Jr.

sua trajetória e de tantas outras mulheres que atreveram seguir carreiras profissionais, buscando através de suas condutas autonomia e liberdade.

O intuito inicial dessa pesquisa é demonstrar os choques e tensões estabelecidos entre suas ideias e concepções com as expectativas e preceitos da sociedade oitocentista, tendo como viés basilar o papel delegado às mulheres naquela sociedade. Partindo das análises das representações produzidas sobre a compositora, essa pesquisa busca compreender qual o lugar que era – e porque não dizer, ainda é – direcionado às mulheres e qual o lugar que Chiquinha Gonzaga conseguiu, ao longo de sua vida, ocupar naquela sociedade escravocrata. Consegui obter papel de destaque quando se tornou a primeira mulher a reger uma orquestra, quase que predominantemente masculina, ou seja, em uma sociedade onde a maioria das mulheres eram regidas por homens, ela conseguiu inverter esse papel, ao menos no palco do teatro musicado. Este é um fato importantíssimo em sua vida, repercutido nos jornais da época, em suas biografias e nos trabalhos acadêmicos que pesquisam sobre sua trajetória. Ao longo da pesquisa procuramos problematizar as escritas das biografias refletindo sobre a maneira como elas representam a figura feminina de Chiquinha Gonzaga, bem como sobre o lugar demarcado para ela na Historiografia Brasileira da História das Mulheres.

Com base em alguns/as autores/as que refletem sobre a proposta de se trabalhar com as biografias, iremos nos respaldar em alguns conceitos no intuito de analisarmos as formas de escritas sobre um determinado indivíduo e de que maneira há uma relação com o contexto histórico em que viveu. François Dosse, em seu livro intitulado *O desafio biográfico: escrever uma vida e, também na obra organizada pelos autores Alexandre de Sá Avelar e Benito Bisso Schmidt O que pode a biografia*, demonstram que é possível e plausível trabalhar com trajetórias de vidas, pois a partir de alguns elementos contidos em tais escritas podemos refletir sobre questões como: sociedade, problemas de gênero, formas de resistências, trabalho, atuação feminina, raça, entre outros. Segundo Mary Del Priore “a biografia, uma das primeiras formas de história – depois das dos deuses e de homens célebres –, retém cada vez mais a atenção dos historiadores. Todavia, a moda da biografia histórica é recente”. (DEL PRIORE, 2009, p. 7.)

Desta forma, a compreensão da trajetória de Chiquinha Gonzaga proposta por essa pesquisa é necessária e possível a partir dos limites e possibilidades inerentes ao ofício do historiador e a caracterização do que significa produzir um conhecimento histórico, teórico e metodologicamente embasado em conceitos e categorias que

permitam refletir sobre as experiências do passado por meio das fontes históricas, produzindo uma representação da experiência temporal que seja útil a vida e que possa, assim como afirma Rüsen (2007), orientar a ação na forma de um sentido produzido temporalmente com base na reflexão racional sobre a experiência do passado.

Portanto, entendemos que a partir das representações sobre as experiências vividas por Chiquinha Gonzaga conseguimos refletir sobre a sociedade carioca oitocentista em que viveu e os acontecimentos históricos inerentes ao contexto, como por exemplo: Abolição da Escravidão e Proclamação da República. Tais elementos nos permitem perceber o processo de rupturas e continuidades inerentes a constituição social da sociedade brasileira, onde algumas permanências podem ser percebidas como um traço de nossa formação nacional. Nosso intuito é demonstrar que, algumas questões permanecem presentes na sociedade brasileira, como quando falamos sobre a questão da atuação feminina no espaço público, um problema em voga no período, mas que nos é tão familiar no século XXI. Nesse sentido, a partir da reflexão sobre essas permanências e rupturas, nos auxiliam na compreensão da historicidade das questões de gênero<sup>3</sup> numa perspectiva temporal mais alargada.

### **TRAJETÓRIA DE VIDA – FAMÍLIA, MATERNIDADE E DIVERGÊNCIAS**

Para trabalhar com a trajetória desta mulher, é de suma importância conhecermos suas vivências, as formas de relações sociais na qual estava inserida e quais aspectos de sua vida são destacadas em suas biografias. Na sociedade oitocentista, haviam padrões de feminilidade a serem seguidos, porém, Chiquinha Gonzaga não seguia esses padrões, mas foi alguém que destoou e se destacou ao transgredir tais limites e imposições.

Quando falamos de padrões, não podemos nos esquecer que em determinadas classes, lugares, contextos estes se diferem. É de suma importância, então, destacarmos que Chiquinha Gonzaga nasceu em uma família da “elite” carioca, que viveu no meio urbano, na capital do Brasil e por isso teve acesso à uma educação formal e musical incomum a maioria das mulheres deste período, mas isso não é o que a torna diferente de

---

<sup>3</sup> Para melhor compreendermos o termo, segundo as autoras Ana Maria Veiga e Joana Maria Pedro “Gênero buscaria então dar conta de relações socialmente constituídas, que partem da contraposição e do questionamento dos convencionados gêneros feminino e masculino, suas variações e hierarquização social”. (Veiga; Pedro, 2015, p. 305.)

suas contemporânea, mas sim a forma como ela resinificou essa educação das mulheres aristocráticas dando a elas um sentido próprio e ao mesmo tempo transgressor, pois rompia com os padrões sociais definidos pelos valores de uma sociedade patriarcal e sinalizava para valores que posteriormente foram identificados a luta das mulheres por direitos, quase sempre definidos como feminismo.

Desta forma, ao analisarmos o contexto histórico aqui destacado, devemos nos ater a separação entre o público e privado, – esta separação ainda persiste quando falamos em termos de divisão sexual do trabalho – onde algumas atividades eram consideradas restritas as mulheres e outras aos homens. Quando algumas mulheres começaram a circular nos espaços públicos, e não somente ficarem restritas ao espaço privado, estavam descumprindo o que era destinado a elas quando casavam, ou seja, quando estavam “dispostas” ao contrato do casamento. Quando falamos de contrato podemos pensar sobre o que Carole Pateman em seu livro *O contrato sexual* nos diz sobre as regras impostas pelo casamento, das quais Chiquinha Gonzaga não cumpriu os requisitos ao se separar de seu marido Jacinto Ribeiro do Amaral após o nascimento do seu terceiro filho.

O casamento e a maternidade eram um caminho quase incontornável para as mulheres brancas, da elite nesse período, pois elas eram socialmente “preparadas” desde a adolescência para a função destinada a elas. Mas, também é preciso lembrar que o casamento civil foi um ideal, muitas pessoas se relacionavam, mas não seguiam os padrões sociais dispostos pela família, igreja e o Estado. Desta forma, podemos pensar no que diz Michel Foucault em sua obra *História da sexualidade 1*, que o casamento foi algo imposto, mas nem sempre seguido, existiam formas de resistências, como por exemplo os amasiamentos, as vivências lésbicas e outras.

Uma dúvida que nos chama muita a atenção, é sobre a questão da maternidade trabalhada em suas biografias. Tanto Mariza Lira quanto Geysa Bôscoli, falam que ao se separar de seu marido, Chiquinha Gonzaga sai de casa levando seus filhos, “[...] certa manhã, partiu com seus cinco filhos pequenos – JOÃO GUALBERTO, MARIA DO PATROCÍNIO, HILÁRIO, ALICE e JOÃO BATISTA” (BÔSCOLI, s/d, p. 28.) No entanto, os outros biógrafos trabalham com esse aspecto de sua vida de maneira diferente, Edinha Diniz fala que ao abandonar o casamento,

A família Neves Gonzaga reagiu com todo rigor que lhe competia: a expulsão, forma usual, embora drástica, do poder patriarcal sancionar a rebeldia feminina. A partir daquele momento a casa de José Basileu fechou definitivamente as suas portas. Para a família ela foi declarada

morta e seu nome impronunciável. Seus filhos lhe estavam proibidos. Carregava apenas João Gualberto consigo. (DINIZ, 1999, p. 63.)

Para compreendermos melhor este aspecto, iremos nos ater as análises feitas sobre a questão da maternidade com base nas autoras Simone de Beauvoir (1960), Betty Friedan (1971) e Elisabeth Badinter (1985). Um outro dado a ser analisado é sobre o nome João Batista que aparece na citação, pois é retratado por Geysa Bôscoli como filho e em outras biografias é retratado como filho adotivo ou, até mesmo como amante. Desta forma, entendemos que essas questões são muito dúbias em suas biografias e passíveis de uma análise mais aprofundada. Assim, é importante questionarmos: Por que os autores divergem quando é trabalhado a questão da maternidade nas biografias? Chiquinha Gonzaga “abandonou” ou não seus filhos? Será que ela teve escolha ou optou escolher por ela mesma?

Um outro questionamento que pretendemos desenvolver na análise das fontes é: Por que a biografia produzida por Edinha Diniz se tornou referência, ela é tomada como uma fala quase oficial quando se trata da vida de Chiquinha Gonzaga, questionar o porquê disso pode auxiliar no entendimento da memória social produzida sobre ela e também sobre as intencionalidades dessa memória? Pois, a partir deste aspecto podemos fazer uma análise sobre que tipo de memória social e quais são as narrativas que foram apropriadas para se construir uma imagem dessa compositora como sendo ícone de um determinado modelo de mulher. Essa reflexão trará como desdobramento uma necessidade de pensar quais foram os agentes sociais que criaram essa memória e quais os valores que eles buscaram conservar com base nela.

Portanto, trabalhamos com elementos que tratam de Chiquinha Gonzaga como uma mulher que assumiu com base em suas escolhas os rumos de sua vida em uma sociedade que era regida por homens. Dessa forma, podemos refletir sobre ela não mais como sujeito passivo, mas como agente histórico constituído e constituinte da sociedade em que viveu.

Dessa maneira é pertinente termos em vista a rede de relações e interdependências na qual ela estava inserida e como se deu a objetivação de seu carisma, seja pelo seu reconhecimento artístico em vida, seja pelas documentações, interpretações do seu legado ou pelas biografias.

Dessa forma, a problemática histórica que estamos construindo da relação de Chiquinha Gonzaga - com suas especificidades, idiossincrasias e seu tempo histórico - não pretende se afirmar como um discurso verdadeiro em relação a essa personagem e seu tempo histórico - no sentido de que reproduziremos com base na análise crítica das fontes o passado tal qual ele foi protagonizado pelos sujeitos desse processo, visto que para a epistemologia histórica contemporânea isso seria impossível - mas sim como uma narrativa possível, como um discurso verossímil que ao mesmo tempo em que retira determinados fatos e personagens históricos do silêncio ao qual lhes relegaram a representação social do passado, também lhes coloniza, colocando os mortos a serviço dos vivos tal como evidencia Michel de Certeau ao afirmar que “o passado é também ficção do presente” (CERTEAU, 2002, p. 22.)

Nossa intenção não é construir um pedestal historiográfico para a Chiquinha Gonzaga que afirme uma perspectiva interpretativa que recoloca ao passado perspectivas ideológicas que são inerentes as nossas convicções enquanto pesquisadores/as da história das mulheres e das relações de gênero na sociedade brasileira do presente, mas sim, com base nas documentações, buscamos refletir as especificidades do ser mulher naquele contexto específico e também compreender os impactos sociais gerados por ela em relação ao seu contexto histórico social ao ocupar lugares e desenvolver práticas, consideradas tradicionalmente masculinas, em um período em que as mulheres estavam socialmente - pelos valores culturais instituídos do patriarcalismo - relegadas ao espaço recluso da casa seguindo um perspectiva analítica embasada na socióloga Heleieth Saffioti que trata do uso da categoria patriarcalizado em concomitância ao conceito de gênero.

## **CHIQUINHA GONZAGA – ATUAÇÕES, LUTAS E TRANSGRESSÕES**

Para analisarmos a trajetória de Chiquinha Gonzaga temos que nos ater as questões inerentes a classe social, pois é de suma importância conhecermos as mulheres que tiveram acesso as aulas de piano, um instrumento utilizado para a educação das sinhazinhas. Era utilizado como forma de entretenimento, para que as esposas, “damas de salão” tocassem para os convidados em suas casas, não sendo permitido tocá-los em lugares públicos. Não podemos nos esquecer que as famílias também são marcadas pela historicidade.

Quando se trata de analisar a vida de Chiquinha Gonzaga há um grande número de publicações, que é – por sua importância musical e pioneirismo – uma das compositoras mais estudadas. No entanto, não vamos ficar restritos apenas ao viés musical – característica importante em sua vida –, mas é preciso ir além do viés musical, observando sua trajetória por uma ótica histórica, estabelecendo um diálogo entre o campo da música, as questões de gênero e a sua trajetória como um objeto importante para a compreensão da história das mulheres no Brasil. Assim, vamos abordar sua relação com os músicos cariocas para compreendermos a forma como ela conduziu sua vida profissional. Quais foram os caminhos percorridos para ganhar visibilidade em um meio tradicionalmente masculino? Será que de fato naquele momento esses indivíduos a enxergavam como uma referência, ou será que esse reconhecimento foi construído posteriormente? Qual o lugar social dela na História da Música?

Segundo Camila Durães Zerbinatti,

Na direção apontada por historiadoras feministas como Joan Scott e Michelle Perrot, entre muitas outras, após séculos (quicá mais do que isso) de silenciamento e invisibilização totais, absolutos e institucionalizados das diversas mulheres e de suas realizações, histórias, memórias e produções, – [...] – é possível dizer que escolher e trabalhar em contar, narrar, interpretar artisticamente e registrar mulheres e suas criações e produções, bem como fazer disso objeto de investigação e interpretação artística [...], são ações e práticas que se inserem no campo das histórias das mulheres, das ‘práticas da memória feminina’ e das ‘escritas das histórias das mulheres’. (ZERBINATTI, 2018, p. 26-7.)

No que diz respeito as pesquisas no âmbito musical, podemos dizer que o surgimento de uma ampla e variada gama de pesquisas, autoras/es e ações precursoras, iniciadoras e continuadoras do campo, que chegam, historicamente, logo depois das primeiras pesquisas e iniciativas – que, no Brasil, tiveram foco significativo em mulheres compositoras, mas não só. Em diferentes lugares do país, pessoas produziram/produzem sobre o tema em (e sob) diferentes contextos, papéis e perspectivas teóricas.

Segundo a memorialista Cleuza de Souza Millan, em sua dissertação intitulada *A memória social de Chiquinha Gonzaga*, aponta que:

No entanto, como costuma acontecer com os artistas que têm o espírito aberto para a criação, rompe com as resistências e aciona mecanismos de reintegração social, utilizando para isto um instrumento musical sacralizado – o piano -, restrito até então aos salões de ambientes refinados, para divulgar suas composições musicais com ‘*significativos*

*acentos étnicos e populares*, a um público das camadas intermediárias urbanas. (MILLAN, 2000, p. 28.)

Portanto, é necessário apontarmos que estamos tratando de uma trajetória singular, de mulher transgressora e que não seguiu padrões pré-estabelecidos. Desta forma, devemos refletir sobre questões sociais, étnico-raciais, culturais, subjetivas para dar conta de sua complexidade. Apesar de ter sua origem negra – sua mãe era negra e filha de ex-escravizada – pôde ter acesso à educação formal e musical, pois pertencia a uma classe mais favorecida na sociedade carioca. A autora Angela Davis em sua obra *Mulheres, raça e classe* nos elucida sobre tais questões, principalmente sobre a intersecção de classe e raça.

Sob esse prisma, é necessário destacarmos que utilizaremos aportes documentais, como os jornais, encontrados na Hemeroteca Digital Brasileira, a qual possui um vasto acervo. Nosso foco principal são: *Jornal do Brasil* (1937); *Jornal do Comércio* (1943); *O Globo* (1946); *Diário de Notícias* (1957); *Revista Teatro Ilustrado* (1960); *Tribuna da Imprensa* (1967); *Correio da Manhã* (1968); *O Jornal* (1968); *O Dia* (1971); *Notícias Populares* (1973); *O Povo* (1976); *Correio Brasiliense* (1977).

No *site* do Instituto Moreira Salles, encontramos um acervo sobre Chiquinha Gonzaga, contendo algumas documentações e suas músicas, partituras e composições. Iremos fazer uma análise destas com o intuito de compará-las com as biografias, buscando compreender as verossimilhanças dos fatos narrados. Também iremos pesquisar na documentação do Instituto Casa do Choro – principalmente sobre suas músicas e composições. Com base nesta documentação, foi possível elaborar um levantamento das pessoas que Chiquinha Gonzaga dedicou algumas composições, e assim, podemos perceber tanto a rede de relações, quanto podemos nos questionar sobre qual a importância destas dedicações.

Também já fizemos uma pesquisa inicial no Centro Cultural Banco do Brasil, onde encontramos uma pesquisa feita por Mozart de Araújo (musicólogo e historiador) sobre a vida de Chiquinha Gonzaga. A análise sobre esses fragmentos memorialísticos e documentais são de extrema importância para o trabalho para compreendermos a maneira com que Chiquinha Gonzaga foi representada na história da música brasileira.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chiquinha Gonzaga foi uma mulher que defendia a independência feminina, mesmo que ela não tenha deixado escrito explicitamente, isto fica claro na análise de sua atuação enquanto mulher. Mas com base nos autores/as que analisaram, pesquisaram e escreveram sobre esta figura feminina, podemos identificar traços em sua trajetória que nos fazem refletir sobre o papel social da mulher no período oitocentista no Brasil. Ela lutou por uma liberdade individual e também coletiva, pois fez parte de movimentos a favor da abolição e, também da república.

Quando se tornou uma musicista conhecida e suas composições ganharam fama, lutou pelos direitos dos autores teatrais. Foi a única mulher, dentre vinte e um fundadores da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (S.B.A.T.) Através do seu trabalho, da experiência da sexualidade e, pelo fato de ter “renunciado” ao papel tradicional de mãe e esposa, podemos dizer que ela defendeu a independência feminina. Analisar sua trajetória é perceber como infringiu os padrões de moralidade da época e não seguiu padrões de feminilidade impostos para mulheres de sua classe social

Porém, ao fazermos tais apontamentos, temos que deixar claro que Chiquinha Gonzaga “fala” a partir do seu lugar social. Seus posicionamentos e discussões só puderam ser feitos porque havia, no período do final do século XIX e início do século XX, um espaço de experiência que possibilitou tais atitudes. Todos os sujeitos são historicamente constituídos e produzem suas obras a partir do seu contexto histórico, retirá-los deste contexto é ignorar a historicidade que os constitui.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AVELAR, Alexandre de Sá e SCHMIDT, Benito Bisso (org.) *O que pode a biografia*. São Paulo: Letra e Voz, 2018.

BADINTER, Elisabeth. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. 5 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: fatos e mitos*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1960.

BÔSCOLI, Geysa. *A pioneira Chiquinha Gonzaga*. Natal: Departamento Estadual de Imprensa do Rio Grande do Norte, s/d.

CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*. São Paulo: Boitempo, 2016.

DEL PRIORE, Mary. *Biografia: quando o indivíduo encontra a história*. TOPOI, v.10, n.19, jul.-dez. 2009, p. 7-16.

DINIZ, Edinha. *Chiquinha Gonzaga: uma história de vida*. 10ª tiragem. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1999. [1984]

\_\_\_\_\_. *Chiquinha Gonzaga: uma história de vida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

DOSSE, François. *O desafio biográfico: escrever uma vida*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. 7 ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.

FRIEDAN, Betty. *Mística Feminina*. Petrópolis: Vozes, 1971.

LAZARONI, Dalva. *Chiquinha Gonzaga: sofri e chorei, tive muito amor*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

LIRA, Mariza. *Chiquinha Gonzaga, grande compositora popular brasileira*. 2 ed. Rio de Janeiro: Funarte, 1978 [1939]

MILLAN, Cleusa de Souza. *A memória social de Chiquinha Gonzaga*. Rio de Janeiro: A Autora, 2000.

MUGNAINI JR, Ayrton. *A jovem Chiquinha Gonzaga*. São Paulo: Editora Nova Alexandria, 2005.

PATEMAN, Carole. *O contrato sexual*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

RÜSEN, Jörn. *História viva*. Teoria da História III: formas e funções do conhecimento histórico. Brasília: Editora da UnB, 2007.

SAFFIOTI, Heleith I. B. *A mulher na sociedade de classe*. 3 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

VEIGA, Ana Maria e PEDRO, Joana Maria. Gênero. In: COLLING; TEDESCHI (orgs.). *Dicionário crítico de gênero*. Dourados, MS: Ed. UFGD, 2015.

ZERBINATTI, Camila Durães. *Pensar práticas de memória em músicas: Marisa Rezende, compositora*. In: Anais da III Jornadas do LEGH [recurso eletrônico]: *feminismo e democracia*. Florianópolis: LEGH/UFSC, 2018.